

Artigo Original

A Capoeira como Escola de Ofício

Mellissa Fernanda Gomes da Silva
Samuel de Souza Neto
Larissa Cerignoni Benites

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física (NEPEF), UNESP Rio Claro, SP, Brasil

Departamento de Educação Física da IB/UNESP Rio Claro, SP, Brasil

Resumo: Este estudo teve por objetivo aprofundar os conhecimentos acerca da origem da capoeira, bem como das escolas de ofício, buscando estruturar um trabalho na perspectiva histórico-bibliográfica que permitisse elucidar a sua relação com a escola de ofício, desde o seu início até os dias atuais. Trata-se de um estudo descritivo, tendo na fonte documental a sua coleta de dados. Entre os resultados obtidos observou-se que a capoeira não era considerada um ofício (ao contrário era proibida), mas um “sistema de subsistência”, sendo transmitida de geração a geração oralmente. Os rumos que a própria capoeira trilhou, e de certa forma traçou para si, a tornam uma escola de ofício, como na relação mestre-aprendiz que perdura até o momento. Podemos concluir que a capoeira como corporação e escola de ofício são realidades vividas devido a sua estruturação e funcionamento, presentes no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Capoeira. Escola de Ofício. Corporação de Ofício.

The Capoeira as Occupation School

Abstract: The purpose of this paper is to provide an in-depth look at the origins of the capoeira, as well as the occupation school, aiming to structure a work in the historic-bibliographic perspective which allows elucidating this relation with the occupation school, since this being its origins until nowadays. It is a descriptive study, using the source documentary collection of data. Among the results it was observed that the capoeira it was not considered a occupation (it was rather forbidden) but a “subsistence system”, being transmitted from one generation to the other orally. The paths that the capoeira has walked through and, under certain circumstance, has draw for itself, make it a occupation school, such as in the relationship master-apprentice which lasts until the present moment. We are able to conclude that the capoeira as corporation and occupation school are realities lived due to its structure and function, both present in the contemporary world.

Key Words: Capoeira. Occupation School. Occupation Corporation.

Introdução

O tema desse trabalho emergiu de uma prática pessoal e de estudos na pós-graduação, sobre profissão, ocupação, “escola de ofício”. O problema de estudo aparece na relação que se estabelece entre a capoeira e a sociedade, enquanto prática marginal até a sua legalidade e constituição das associações/federações de capoeira.

Falar sobre a capoeira significa falar sobre a interface do tempo passado no tempo presente, considerando-a como uma atividade artesanal. Este ofício nasceu a partir das experiências supervisionadas dos mais velhos e/ou de um mestre na orientação de seus discípulos ou membros de um grupo, constituindo uma escola ou “escola de ofício”.

Por escola de ofício se entende a formação artesanal que possui uma gradação no aprendizado pela observação e experiência.

Valoriza-se mais a performance do que o conhecimento abstrato, priorizando-se a maestria de uma determinada arte, ofício. Há uma série de artefatos e rituais que conferem legitimidade à sua dinâmica social que não são consideradas nas profissões (conceito anglo-saxônico) modernas.

Nas escolas de ofício, do século XII, a relação mestre-aprendiz era como a relação entre pai e filho, o aprendizado ocorria de maneira lenta e gradual. De forma que mesmo após tornar-se mestre, o “ex-aprendiz” permanecia sob a tutela da organização corporativa, gerando uma formação contínua e uma educação permanente (RUGIU, 1998). De maneira semelhante ocorreu com a Capoeira no Brasil e de certa forma permanece até na contemporaneidade.

No âmbito desse processo, de acordo com Barata (2004, p. 34), o discípulo observava e aprendia com o mestre as técnicas que este provavelmente deveria ter concebido da mesma

forma. De modo que emerge dessa relação um conhecimento do tipo “fazer saber”, modelo onde a experiência sobressaia à teoria, característica de um período que perde espaço na modernidade, mas que, no entanto, se mantém “vivo” no tempo presente. Portanto, valoriza-se um saber das coisas cuja gramática não é regida por regras de comunicação verbal, mas de comunicação corporal, tendo no aprendizado informal o seu ponto de partida. Na visão desse autor, no mundo moderno, industrializado, estes espaços são questionados, apesar de sua existência, como lugar de aprender-fazer, pois o conhecimento foi institucionalizado. Os ofícios deixam de ser aprendidos prioritariamente através da prática em função de que as habilidades passam a ser envolvidas por um conhecimento teórico.

Desta forma se vive o embate entre a dinâmica cognitiva versus a dinâmica social (VENUTO, 1999), na estruturação das ocupações, nos levando a priorizar como objetivo desse estudo a identificação na estrutura da capoeira dos valores e saberes dessa “escola de ofício”.

Na busca desses dados, esse estudo escolheu a pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva, numa perspectiva histórico-bibliográfica, visando trazer subsídios que possam auxiliar ou contribuir com a memória da “capoeira”. Como técnica utilizou-se a fonte documental e na apreciação dos dados a análise de conteúdo. De modo que os resultados desse trabalho aparecerão imbricados, mesclando fonte documental com pesquisa bibliográfica. São considerados *documentos* quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano, como leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, discursos, jornais, revistas, arquivos escolares, entre outros. Porém, a fonte documental tanto pode ser usada como uma técnica exploratória como para ‘checagem’ ou complementação dos dados obtidos por meio de outras técnicas. Nesse estudo a “Revista Capoeira: arte e luta brasileira” foi utilizada como fonte documental e técnica exploratória.

Esta questão se torna relevante, por exemplo, quando Chediack (1999), na “Revista Capoeira: arte e luta brasileira”, nos apresenta “Andrezinho” e sua relação com a capoeira, na seguinte descrição:

Sua extrema dedicação foi compensada. Mestre Eddy Murphy acreditou nele e até o abrigou em sua casa, quando a mãe precisou mudar-se para um bairro bem mais distante, de onde ficaria difícil comparecer aos treinos. Separou-se da mãe, e morou na casa do mestre, por seis

anos, até que saiu para casar, depois de formado em capoeira (1996). Mesmo assim, não se distanciou de suas origens e passou a morar no bairro de Artur Alvim, em Itaquera, zona leste da capital paulista, bem próximo onde funciona a academia da Associação Cultural de Capoeira Maculelé (p.15)

Considerando o arrolado, alguns questionamentos surgiram ao se fazer à relação entre as “escolas de ofício” e a capoeira como corporação e “escola de ofício”: como pode a capoeira, na perspectiva das escolas de ofício, permanecer até a aurora do século XXI?; quem são os protagonistas de cada uma dessas “escolas”? As respostas para estas questões se encontram na história do Brasil, e na compreensão da constituição das escolas de ofício.

Corporações e Escolas de Ofício – A capoeira

Breve histórico do contexto de estudo: a capoeira na memória dos mestres e na ilustração marginal.

Entender a capoeira como escola de ofício significa buscar no percurso da história brasileira a composição dessa arte-luta-jogo. De modo que a capoeira caminha lado a lado com a história da entrada de escravos africanos em solo brasileiro no século XVI, sob colonização portuguesa. A origem do termo capoeira, e até mesmo de sua prática, são incertos, devido à escassez de documentos acerca da escravidão no Brasil, em que, possivelmente, estariam registradas algumas das práticas realizadas pelos escravos [1]. Há três hipóteses aceitas a respeito do surgimento da capoeira, entre as “escolas” de capoeira.

A primeira em que o termo capoeira está associado aos movimentos realizados, por africanos escravizados no Brasil, semelhante ao candomblé [1]. Todavia, se compararmos a capoeira ao candomblé verificar-se-á que alguns dos termos utilizados pelo segundo foram trazidos com eles de seu continente, e sendo pronunciados nos dialetos de origem, e mantendo-se a sua pronúncia até os dias de hoje em todas as nações em que o candomblé tem sua proposta realizada, mostrando que os africanos, apesar de terem sido escravizados (não somente no Brasil, mas também em outros países), sempre zelaram por seus costumes e tradições. No caso da capoeira, todos os nomes de golpes e toques são de origem brasileira não havendo nenhum termo em dialeto africano, como ocorre em tantas outras manifestações desses ex-escravos. Desta maneira esta primeira hipótese é a que possui menor credibilidade entre os praticantes da capoeira.

A segunda vem adquirindo novos adeptos a cada dia. Embora, não seja, a hipótese mais aceita, apesar de um de seus seguidores ter sido o mestre Pastinha, fundador da capoeira angola. Acredita-se que a capoeira teve sua origem na África, na “Dança de N’angolo”, que em português significa “Dança da Zebra” (CHEDIAK, 1998). Esta dança de origem africana, também conhecida como N’Golo, era realizada como um cerimonial de iniciação dos jovens em busca de suas esposas, por meio de movimentos semelhantes aos realizados por este animal, em disputa com outro macho, por sua fêmea [2].

Em terras brasileiras, esta dança era praticada pelos escravos, às escondidas, em campo de vegetação rasteira, que em tupi-guarani leva o nome de capoeira¹, para lembrarem suas tradições, como por exemplo do feitor, responsável por vigiar os escravos: “Esses vão para o tronco, porque estavam se batendo por mero divertimento na capoeira” [3].

Para Pedro [4], do grupo Capoeira Santista, há também registros de danças marciais negras, semelhantes à capoeira, em Cuba e Martinica, realizados por povos de origem escrava no Caribe. Porém, mestre João Grande, em entrevista cedida a “Revista Capoeira: arte e luta brasileira” (1998), diz ter visto de perto a “Dança de N’angolo”, que deu origem a capoeira.

Pelo que vivenciei nessas viagens, vejo o surgimento da capoeira na “Dança de N’angolo”, da região de Angola. Este tipo de dança originou a Capoeira. Inclusive diversos movimentos são exatamente os mesmos: negativa, meia-lua de frente, meia-lua de costas, cabeçada, rabo de arraia... [...] Em 1966, quando estive em Dakar, na África, vi essa dança com meus próprios olhos. Fiquei impressionado com a semelhança. Além disso, descobri que a origem da “Dança de N’angolo” é muito antiga [...] Daí, concluí que os negros africanos levados para o Brasil como escravos, levaram consigo a “Dança de N’angolo”. [...] a palavra “capoeira” é brasileira, de origem indígena e que dizer “mato ralo” que era o local onde os negros praticavam a “Dança de N’angolo”. Com o passar do tempo essa dança ficou conhecida e popularizada através da imprensa, como “capoeira” [...] Para mim, a origem de tudo está na África. O Brasil fez uma adaptação. (p.10-11, 1998)

¹ Em tupi-guarani, o termo capoeira possui outros significados, além de vegetação rasteira (local em que os escravos lembravam, às escondidas, suas tradições), que remetem ao sentido de luta, confronto, como, por exemplo: “uma ave chamada capoeira (Odontophores capueira-spix), que o macho dessa ave é muito ciumento e trava lutas se outro macho invadir seu território” [fonte: Projeto de Extensão: Vivências em Capoeira]; “cestos de vime, que na época eram muito utilizados pelos escravizados, no cais do porto, para carregar aves galináceas (capões). Os carregadores destes cestos, também chamados de capoeiras, nos seus raros momentos de folga, largavam os seus cestos e se reuniam para, ao som de palmas e cânticos, reviver os folguedos de sua terra natal” [fonte: Mestre Ribas, acesso 06/01/2008].

Para a Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais [2],

Em função do tráfico negreiro para o Brasil, muitos foram os conhecedores dessa dança ritual que vieram para cá. A necessidade de resistir à escravidão, no entanto, fez com que percebessem que os seus movimentos, marcadamente de pernas, poderiam ser utilizados como luta e combate pessoal. Assim, o N’Golo ficou conhecido no Brasil como a dança ritual que deu origem à capoeira, tendo sido difundido como símbolo de resistência e luta dos afro-descendentes.

A terceira hipótese, mais aceita entre os praticantes da capoeira, mas sem fonte documental que comprovem sua veracidade, afirma que ela foi inteiramente desenvolvida no Brasil, sem nenhuma conexão com as raízes africanas. Desta forma golpes e toques musicais teriam sido todos criados pelos escravos durante o período de escravidão.

Os escravos eram proibidos por seus senhores de praticarem qualquer tipo de luta. Então, eles utilizavam seus ritmos e danças, para treinarem, disfarçadamente alguns golpes, dando assim, origem a capoeira. Com esta luta disfarçada de dança, os escravos brasileiros resistiam física e culturalmente às agressões sofridas pelos senhores de engenho [5]. O berimbau era utilizado pelos escravos como instrumento musical e também para sinalizar a aproximação de estranhos, no momento em que treinavam os movimentos da capoeira. Assim, quando o berimbau era tocado os movimentos de luta eram encerrados e dava-se início aos movimentos acrobáticos. Porém, com o decorrer dos anos, a beleza dos movimentos realizados pelos negros em suas “danças” encantou donos de fazendas e patrões, que por algumas vezes os convidavam a se apresentarem em festas por eles realizadas [6].

Com a prática da capoeira, por seus golpes velozes e habilidosos, os escravos começaram a se organizarem em quilombos. No Brasil este território ficou conhecido como um local de refúgio de escravos fugitivos, sendo que a palavra quilombo é de origem africana, significando um lugar de repouso [7].

O quilombo que mais se destacou, na época do Brasil colonial, foi o Quilombo dos Palmares - Alagoas, resistindo por mais de um século a ataques das autoridades locais e da Corte Portuguesa. Tornou-se símbolo a resistência da população africana a escravatura, comandado por um negro chamado Francisco, mas que se tornou conhecido pelo nome de Zumbi [7].

Nascido dentro do Quilombo dos Palmares, Francisco, com poucos dias de vida, foi

aprisionado pela expedição de Brás da Rocha Cardoso e dado ao padre Antônio Melo em Porto Calvo (1655) com quem aprendeu português e latim, tornando-se coroinha. Aos 15 anos, Francisco fugiu da casa do padre com destino a Palmares. Lá chegando trocou seu nome de batismo por Zumbi e passou a comandar os quilombeiros em suas batalhas.

A “Revista Capoeira: arte e luta brasileira” [8], relatou algumas das batalhas travadas por este líder negro até a sua morte, como veremos a seguir:

Participou da batalha em que a expedição de Jácome Bezerra foi derrotada (1673). Três anos depois, em um combate contra as tropas de Manuel Lopes Galvão, foi ferido com um tiro na perna (1676). Revoltado com a assinatura de um acordo de paz (1678), rompeu com Ganga-Zumba e foi aclamado Grande Chefe pelos revoltosos que não aceitaram o acordo. Atacado pelas tropas lideradas por Domingos Jorge Velho (1694), foi baleado, mas conseguiu fugir espetacularmente. Um ano depois reapareceu e com cerca de 2000 palmarinos voltou a atacar povoados em Pernambuco, especialmente para conseguir armas e munições. No entanto, em um dos ataques, um de seus grupos foi derrotado, e o seu comandante, Antônio Soares foi preso (1695). Após ser torturado pelo bandeirante e mercenário paulista André Furtado de Mendonça, este lhe ofereceu a liberdade em troca da revelação do esconderijo de Zumbi e, em 20 de novembro daquele ano, Soares levou Mendonça até o esconderijo, na Serra Dois Irmãos. Conta-se que ao ver Soares, o grande chefe dos revoltosos foi abraçá-lo, mas foi recebido com uma punhalada no estômago. Os paulistas atacaram e o rebeldes presentes foram mortos. Seu corpo, perfurado por balas e punhaladas, foi levado a Porto Calvo, onde sua cabeça foi decepada e enviada para Recife, que por ordem do governador foi espetada em um poste para exposição pública até sua total decomposição. O dia 20 de novembro tornou-se o Dia da Consciência Negra

Zumbi tornou-se o rei negro do Quilombo dos Palmares e é considerado o primeiro Mestre de Capoeira. No entanto após sua morte, e sem ter quem os comandasse, em 1710, o quilombo foi desfeito por completo. Porém, havia quilombos espalhados por vários estados do Brasil, como Acre, Roraima, Minas Gerais, São Paulo, entre outros. Assim, a capoeira continuava sendo disseminada e seus ensinamentos eram transmitidos de geração a geração de forma oral.

Dentro deste itinerário, apesar de ocorrerem alguns movimentos em prol da libertação dos escravos, por volta dos anos de 1798, 1850 e 1870, somente em 13 de maio, de 1888 foi elaborada a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, nos seguintes termos.

Declara extinta a escravidão no Brasil:

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.

Princesa Imperial Regente.

Rodrigo Augusto da Silva

Carta de lei, pela qual Vossa Alteza Imperial manda executar o Decreto da Assembléia Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brazil, como nella se declara. Para Vossa Alteza Imperial ver. Chancelaria-mor do Império.- Antônio Ferreira Viana.[9]

Embora tenha havido o rompimento com a escravidão legal, a perseguição aos escravos após a assinatura da Lei Áurea, continuou tanto fisicamente, como socialmente. Alguns negros não eram aceitos pela sociedade como cidadãos, mas sim como arruaceiros e vadios.

A capoeira, neste momento, era considerada não mais como uma arma de luta para escapar da escravidão, mas sim, como forma de resistência do negro a qualquer tipo de dominação. Desta forma, a capoeira era praticada na ruas, no entanto sem nenhuma organização, pois as rodas aconteciam “livremente”.

De acordo com [Vieira](#) (1998), um ano após a libertação dos escravos, em 1889, foi instaurado no Brasil o governo republicano, que a exemplo do regime adotado pelo império, anteriormente, deu continuidade a política de repressão aos negros, associando a prática da capoeira a criminalidade. Deste modo, foi apresentado o Decreto 847, de 11 de outubro de 1890, intitulado “Dos Vadios e Capoeiras”:

Artigo 402: Fazer nas ruas ou praças públicas exercícios de destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: pena de seis meses a dois anos de reclusão.

§ Único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes, ou cabeças, impor-se-á a pena em dobro. (VIEIRA, 1998, p.42-43)

A proibição, por decreto, da capoeira, continuou sendo difundida e praticada em todo Brasil. Este limite imposto pela discriminação fez com que ex-escravos não conseguissem encontrar emprego levando-os a criar grupos de capoeira conhecidos na época como maltas para preencher o “tempo livre”, mas também para manter uma identidade. Estas maltas multiplicaram-se por todo país, principalmente no Rio de Janeiro, no fim do século XIX e começo do século XX, conquistando adeptos das classes mais favorecidas e também infiltrando-se nas forças armadas brasileiras, bem como em colégios de renome como Sabino, Pardal e até mesmo Dom Pedro II (VIEIRA, 1998). Até o início do século passado haviam dois grandes centros que praticavam a capoeira ainda ilegalmente no país, sendo eles: Salvador e Rio de Janeiro.

Entretanto cabe ressaltar que também não era incomum, por exemplo, visualizar confrontos entre as maltas nas ruas cariocas. Confrontos estes que muitas vezes iam até as últimas consequências, transformando a capoeira em prática marginal. Como consequência a capoeira era praticada, passou a ser duramente reprimida no Estado do Rio de Janeiro, chegando quase que a sua total extinção [10].

No ano de 1932, Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como mestre Bimba (1900 – 1974), cansado de ver a marginalização e o preconceito em relação a arte-luta brasileira, resolveu “recriar” a capoeira. Para isso o mestre preservou a movimentação já existente, combinando-a com movimentos advindos de outros estilos de luta, como o Batuque² (que era praticado por seu pai), o jiu-jitsu e o boxe, dando, assim, a capoeira mais agilidade e eficiência combativa que, segundo o próprio mestre Bimba, estava se perdendo devido a ação do turismo.

Dentro desse cenário inaugura-se a Luta Regional Baiana, mais conhecida como “Capoeira Regional”, menos acrobática, com chutes mais altos e velozes. Este esforço foi reconhecido, liberando no ano de 1937 a prática da capoeira

no país e levando o seu protagonista a fundar e registrar o Centro de Cultura Física Regional em Salvador, local em que era ensinada a capoeira regional.

Nesta nova proposta, as modificações realizadas pelo mestre não foram somente técnicas, mas também pedagógicas, na sistematização do ensino da capoeira que até aquele momento ocorria de maneira informal. Criou-se as “Seqüências de Bimba”, constituídas de oito seqüências sincronizadas de golpes e contragolpes, efetuadas em duplas para uma maior fixação dos movimentos, bem como elaborou-se um conjunto de técnicas de agarramento em projeções denominadas de cintura desprezada (VIEIRA, 1998). Para finalizar, estabeleceu-se aulas e rodas em dias e horários definidos; livros de matrícula; turma de alunos, apostilas, lições e avaliações; controle de mensalidade e ilustrações com quadros, contemplando aspectos técnicos e disciplinares, com os dizeres [11]:

1. Deixe de fumar. Proibido fumar durante os treinos.
2. Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular.
3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da "roda" de capoeira seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta.
4. Evite conversa durante o treino. Você está pagando o tempo que esta na academia, e observando os outros lutadores, aprenderá mais.
5. Procure gingar sempre.
6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais.
7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá.
8. Conserve o corpo relaxado.
9. Melhor apanhar na roda do que na rua. “Quem foi aluno de Mestre Bimba, lembra-se do rigor no cumprimento dos horários.

Na realidade trata-se de premissas que contemplavam um código moral, bem como competências técnicas focadas na habilidade e postura.

Com esta sistematização Bimba passou a ser um mestre de destaque em todo país, chegando a lecionar capoeira no quartel, CPOR "Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército", por três anos.

Em 1953 mestre Bimba foi convidado para apresentar a capoeira para o Presidente da Republica, Getúlio Vargas, Esta apresentação desmistificou os limites atribuídos à capoeira, de um modo geral, levando Vargas a legalizá-la e

² Batuque: era praticada de duas formas. A primeira consistia de um negro mais forte ficar plantado dentro de uma roda, em quanto o outro tentava projetá-lo ao solo, com golpes desequilibrantes. A Segunda forma era tentar colocar o adversário a nocaute com golpes de perna ou projeções, também usando alguns golpes de braço.

reconhecê-la como a luta nacional brasileira oficializando sua prática por meio do Ministério da Educação [12].

Embora tenha havido essa conquista, muitos mestres de capoeira não eram adeptos deste novo estilo, o regional, gerando polêmica no ambiente da capoeira e acusações a mestre Bimba no que diz respeito à descaracterização das tradições da luta. Devido a esse fato, ainda em 1941, Salvador/BA, Vicente Ferreira Pastinha, popularmente conhecido como mestre Pastinha e mestre Amorzinho³ fundaram a academia “Escola de Capoeira de Angola”, visando preservar o que se julgava ser a verdadeira origem da capoeira.

A capoeira de angola pode ser caracterizada pelo aprendizado por meio da observação, com movimentos mais baixos, músicas com ritmos mais lentos e muita “malícia” nos movimentos corporais. O nome “angola”, por acreditar ter sido lá o berço da capoeira, tornando o mestre Pastinha tão conhecido quanto o mestre Bimba [13].

Estes dois mestres, conterrâneos, pelo trabalho que realizaram em prol da capoeira (como fundadores de estilos que caracteriza o que a capoeira é hoje) são considerados os nomes mais expressivos da capoeira no Brasil.

Dentro desta perspectiva, a capoeira regional e angola, permitem que cada novo grupo instituído possa definir como se dará a graduação de seus adeptos até que se tornem mestres. Porém, compete aos mestres a definição das cores e a ordem das cores dos cordões que marcam a passagem de um grau para outro, tendo que ser respeitado somente a cor do cordão do mestre, ou seja, a cor branca [14]. Cada mestre formado pode escolher permanecer no mesmo grupo e abrir uma filial daquele ou, então, formar um novo grupo de capoeira. No âmbito desse processo o que se observa é que a capoeira acaba se configurando como uma “escola de ofício”, enfim, uma corporação formada por mestres e aprendizes nos levando a questionar, apesar do quadro descritivo apresentado, artefatos e rituais dessa organização na dimensão de se tentar entender o arcabouço que lhe confere legitimidade perante os pares.

Corporações e Escolas de Ofício

No âmbito do questionamento apresentado se pode colocar que ofício derivado do latim *officiu* tem por significado o cumprimento de uma obrigação a partir de um ritual já determinado

(como uma espécie de dever). A palavra ofício possui quase que a mesma conotação de sua origem, sendo conceituada como um “certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais” (SOUSA NETO, p. 250, 2005). Porém, o termo corporação, abarcando a idéia de escola ou grupo, na visão de Rugiu (1998), ganha sentido como sendo sinônimo de toda e qualquer arte encarada como um ofício.

Desse modo as corporações de ofício podem ser compreendidas como “locais” que têm a arte como um dever a ser cumprido, e as escolas de ofício são a maneira pela qual a arte é ensinada para que venha a se tornar um ofício. Tanto o processo de surgimento das corporações de ofício quanto o das escolas de ofício ocorreram de maneira simultânea, não existindo uma sem a outra. No entanto, para fins didáticos, apresentar-se-á sua compreensão separadamente, iniciando-se pelas corporações de ofício e depois as escolas de ofício.

Das Corporações de Ofício

Nos estudos de Rugiu (1998), as corporações de ofício tem sua origem no início da Idade Média, quando estava em vigor o “sistema familiar” consistindo numa forma de subsistência da família.

O trabalho (conhecido como labor) era visto como uma penitência do pecado original, em que tudo o que se produzia era destinado para o sustento da família. Desta forma todos os ensinamentos (como plantar, caçar, pescar, educar, entre outros) eram transmitidos de geração para geração de maneira oral, geralmente de pai para filho, revestidos de simbolismos e concepções religiosas.

Com o crescimento dos povoados, século XII, ocorreu uma passagem do “sistema familiar” para o “sistema primário”, conhecido, também, como “sistema de corporações” que deu origem às corporações de ofício. Dentro das atividades que eram realizadas para a própria subsistência, cada família se destacava mais em um determinado labor do que em outro, fazendo com que os conhecimentos necessários para a execução de tal atividade, fossem mantidos em segredo pela família e transmitidos em uma relação de pai para filho, com características da relação mestre-aprendiz.

Para o autor, os chamados mestres artesãos eram tidos como produtores independentes, donos da matéria prima e das ferramentas de produção, vendendo diretamente o produto de

³ Não foi possível encontrar dados acerca de seu verdadeiro nome.

seu trabalho a um pequeno mercado estável formado pelo próprio povoado e não mais sua força de trabalho.

Entretanto, o “sistema de corporações” perdurou até por volta do século XIV, quando deu-se início ao “sistema secundário”, conhecido como “sistema doméstico”, em função do crescimento dos povoados e relações mercantis. Por meio deste sistema estabeleceu-se a relação entre artesãos e mercadores que tinham por função financiar os artesãos e revender suas mercadorias, levando-o também a recrutar aprendizes interessados naquele ofício e uma segunda relação, de mestre artesão/aprendiz.

Esta relação mestre-aprendiz transformou as corporações de ofício em grandes escolas de ofício, fazendo com que as mesmas alcançassem o auge no século XIV. O sucesso das corporações de ofício estava justamente nos ensinamentos que eram transmitidos pelo mestre ao seu aprendiz, pois eram cobertos de segredos e rituais que eram compactuados somente entre os indivíduos que exerciam aquele ofício, ou seja, os mestres e os aprendizes. Os mercadores não tinham acesso a esses conhecimentos das corporações, pois

todas as formas pedagógico-didáticas das Corporações permaneceram envoltas no próprio mistério com o qual, na época, eram tutelados os relativos procedimentos. As circunstâncias nas quais se trabalhava e se aprendiam favoreciam o segredo, principalmente o prevalecer quase absoluto da tradição oral ou intuitivo gestual (“escute as minhas palavras”, “olhe como eu faço”) [...] exatamente a ausência de textos de documentação escrita sobre a atividade produtiva interna das corporações e daquilo que acontecia dentro das oficinas, impedia de saber, ao menos até o final do século XVII, que vê uma sensível difusão da imprensa, qualquer coisa de menos genérico, sobretudo com relação aos aspectos formativos da personalidade e a instrução específica em cada Corporação (Rugiu, 1998, p. 38)

Porem, a partir do século XVII, este pensamento, foi-se desestruturando em função das novas relações entre mercadores e mestres artesões na produção dos bens, levando as corporações de ofício à sua total extinção com a introdução “sistema terciário”, “sistema fabril”, instaurado no século XIX, com a revolução industrial.

Das escolas de ofício

No âmbito desse processo cabe colocar que as “escolas de ofício” estão presentes desde o “sistema familiar”, os ensinamentos a respeito de um labor que era transmitido de pai para filho como a pesca, por exemplo.

Com a vinda do “sistema de corporações”, século XII, começou-se a estabelecer, de maneira discreta, uma relação de mestre e aprendiz entre pais e filhos, baseada no segredo acerca da execução de determinada arte desenvolvida familiarmente.

O surgimento do “sistema doméstico”, no século XIV, ao qual o ensinamento de um ofício se tornou aberto a todos que quisessem aprender, ampliou este processo tornando a pessoa que ensinava um ofício um mestre, o mestre artesão.

O mestre artesão era investido de alguns poderes como, o de estabelecer o tempo de duração de um aprendizado e também a maneira pela qual o ofício seria ensinado ao aprendiz. O mestre era considerado como um patriarca, pois se tornava totalmente responsável pela formação do aprendiz como se este fosse o seu próprio filho. Porém, do mestre era cobrado que conhecesse não somente os “segredos de manufatura, mas também o segredo do como e em que medida comunicá-los aos aprendizes, ou mesmo como escondê-los, e a quais e em que momento” (RUGIU, 1998, p. 38)

No ingresso em uma escola de ofício, o aspirante a aprendiz (variava de nove a dezoito anos ou mais), por meio de seu pai ou responsável deveria estabelecer um contrato em que

o mestre Fulano pactuava de ensinar a própria Arte ao filho de Ciclano (frequentemente o contrato não especificava nem mesmo a idade do rapaz) e de mantê-lo por x anos, assegurando-lhe (salvo os casos nos quais o aprendiz retornava para casa à noite), casa e comida, e às vezes até vestimenta, e fornecendo-lhe ao final do período previsto alguns instrumentos essenciais de trabalho (RUGIU, 1998, p. 42)

Desse modo, os conteúdos e os métodos de ensino, o tempo de duração do curso, a composição das classes eram diferentes de situação para situação. Devido a este fator era normal encontrar em uma mesma classe crianças, jovens, adultos e até mesmo idosos. Nos casos em que o aprendiz hospedava-se na casa do mestre, como em regime de internato, eram estabelecidas rigorosas regras e hábitos de vida, desta maneira a formação do aprendiz se dava dentro e fora das escolas de ofício, como nos mostra Rugiu (1998, p. 41):

quando estava na casa do mestre e depois na oficina, havia uma série de atos que advertiam o rapaz de quão importante seria o passo cumprido dentro do contrato estipulado, e de qualquer maneira, como seria mudada efetivamente sua condição. Conhecia seus novos familiares, com os quais tinha dividido a

mesa, pelos quais seria vestido e acudido; conhecia os seus pares por idades e por condição [...]. Portanto, não era somente, a família do mestre ou a oficina com os seus operários e trabalhadores a desenvolver uma ação educativa e de integração, fundamental no processo de socialização, mas também o era o grupo de adolescentes e jovens no qual se inseria⁴

Caso o mestre, durante o aprendizado de seu aluno, não pudesse cumprir com as obrigações subscritas, seja por incapacidade do aprendiz ou por falta de vontade do mesmo, aquele se comprometia a pagar uma multa ao pai ou responsável. Portanto, ao ser admitido por meio do contrato estabelecido, o aprendiz agora era iniciado no tirocínio do ofício. Este ocorria de maneira lenta, possuindo um plano de formação continuada, gerando uma educação permanente. Conforme o aprendiz ia se graduando, o mestre o ensinava alguns de seus segredos de manufatura e o levava para as oficinas a fim de que aprendesse com alguns trabalhadores das corporações de ofício e também com outros mestres.

Estes processos eram realizados para que se evitasse que o aprendiz (já familiarizado com seu mestre) extorquisse-lhe alguns segredos que deveriam permanecer no mais absoluto sigilo naquele momento, bem como para estimular a capacidade daquele de captar no ar, alguns dos ensinamentos que o mestre não sabia como ensinar, ou simplesmente não queria dar-lhe.

O próximo passo era o aprendiz tornar-se aspirante a mestre, consistindo numa inversão no que diz respeito a obrigações, pois, quando o aprendiz ingressou à escola de ofício, o mestre era quem deveria garantir o seu bem estar (com casa, comida, materiais de trabalho), mas como aspirante a mestre, deveria gratificar seu mestre com notáveis presentes antes, durante e depois das discussões das próprias teses.

[Rugiu](#) (1998) nos explicita de forma detalhada o processo de formação do aspirante mestre, assinalando que:

De fato, terminado o aprendizado depois de um período variável para as diferentes Corporações de 4 a 7 – 8 anos, não se ia diretamente as provas de magistério, mas se entrava entre os ‘calouros’ da Corporação mediante prévio pagamento de uma taxa e pronúncia do tradicional juramento. Só então se tornava ‘artesão matriculado’ a título pleno e se assumia também as prerrogativas conseqüentes da qualificação, além dos deveres que todos já tinham inclusive os ajudantes não matriculados e os aprendizes. A partir daquele momento iniciava-se o grau superior, digamos, o currículo

que conduzia ao título de mestre, de uma “obra de arte” ou “obra prima” para ser apresentada depois à comissão de magistério. A preparação deste ensaio, que tinha a função de concluir o processo formativo, era não pouco custosa, principalmente porque o candidato tinha por sua conta todas as despesas de feitura de uma obra que, muito provavelmente, não encontrariam adquirentes; além disso, o mestre que o assistia e guiava na preparação – não necessariamente o mestre do qual tinha sido aprendiz – não raro pedia por isso uma compensação particular, às vezes ‘salgada’. Estas despesas, acrescidas à alta taxa de matrícula, aumentavam a discriminação sócio-econômica entre os candidatos, tanto mais com freqüência, a Corporação tinha mais necessidade de dinheiro que de novos mestres; por isso, não se acahava de acrescentar pesadas taxas e impostos de vários gêneros. (p. 43 – 44)

Deste modo, poucos eram os que ingressavam para a carreira de mestre, pois esta era destinada somente aos melhores ou aos mais afortunados. Após conseguir formar-se mestre, o “ex-aprendiz” continuava sob os cuidados de seu mestre (trabalhando para ele), sendo que muitas vezes entrava de fato para a família daquele ao tomar-lhe a filha por esposa. Neste contexto percebe-se que a relação estabelecida entre mestre e aprendiz, dentro das escolas de ofício, era baseada em um modelo de ensino patriarcal que almejava a compreensão de procedimentos do aprendizado formal e informal, bem como da socialização dos comportamentos requeridos pela classe social e grupo trabalhador específico, nos levando a interrogar como este processo se dava na capoeira.

A capoeira como escola de ofício

A inter-relação entre as corporações e escolas de ofício, descritas por [Rugiu](#) (1998), nos auxilia na compreensão da capoeira como corporação e escola de ofício.

Das corporações de capoeira

De acordo com [Saviani](#) (1998), o desenvolvimento das corporações de ofício se dá naturalmente por meio do crescimento populacional de uma sociedade. Povoados muito pequenos com cerca de dois mil habitantes ou menos, tendem a permanecer no “sistema familiar”, pois as famílias realizam o trabalho somente para subsistência. Em sociedades em que o número de habitantes chega a dez mil ou mais os sistemas de corporações tendem a se proliferar para satisfazer um mercado consumidor interno. Cidades portuárias não são propícias ao desenvolvimento de sistemas de corporações, pois são voltadas ao comércio exterior e não ao mercado consumidor interno ([SAVIANI](#), 1998).

⁴ Neste fragmento percebe-se claramente o caráter patriarcal do mestre artesão.

Dentro deste contexto tanto Portugal quanto o Brasil, possuíam mínimas chances de desenvolverem as corporações de ofício. Em Portugal poucas eram as cidades que ultrapassavam a marca de dez mil habitantes e as que transpunham esses limites eram portuárias. No Brasil colônia os arraiais que se estabeleceram ao longo do litoral continham somente algumas dúzias de choupanas. Acredita-se que devido a estes fatos o Brasil possuía indícios de corporações de ofício ainda nos dias de hoje, por conta do demorado processo de povoamento deste território (SAVIANI, 1998).

Os escravos advindos da África eram “considerados” uma sociedade a parte, pois viviam isolados nas senzalas: não tinham contato com escravos de outros senhores, mas mesmo assim, nas “horas livres”, podiam relembrar os folguedos de sua terra natal e também arquitetar uma maneira de defesa contra seus senhores [15]. Dessa forma deu-se início a capoeira como um “sistema familiar” em que era transmitida de geração a geração como uma forma de luta pela sobrevivência.

Com o início da fuga dos escravos para os quilombos no final do século XVI, a capoeira começou a ser mais difundida entre o grupo. No entanto sempre às escondidas já que a prática dela nunca havia sido permitida desde sua origem até aqueles tempos. No Quilombo dos Palmares, estima-se que tenha chegado a até vinte mil habitantes, porém nem mesmo este expressivo número de habitantes fez com que a capoeira fosse reconhecida como uma corporação de ofício apesar de ter características inegáveis de tal corporação [16].

A explicação para o não reconhecimento da capoeira como uma escola de ofício dentro dos quilombos e principalmente do Quilombo dos Palmares, se dá pelo fato de todos os quilombos serem considerados locais de refúgio para escravos constantemente perseguidos e a capoeira utilizada como uma arma de defesa. De modo que mesmo com a libertação dos escravos, por meio da Lei Áurea (1888), não se mudou esta realidade.

A despeito da proibição oficializada pelo Decreto 847, de 11 de outubro de 1890, a capoeira passou a ser difundida por todo Brasil, principalmente na cidade de Rio de Janeiro, por meio das Maltas, que consistiram em grupos de capoeira formados por ex-escravos que não conseguiam emprego no fim do século XIX e começo do século XX. As maltas passaram a ser freqüentadas por adeptos das classes mais favorecidas, chegando a infiltrar-se nas forças armadas e até mesmo em renomados colégios

como o Dom Pedro II (VIEIRA, 1998), constituindo-se nos moldes das corporações.

Desta forma, mesmo se ilegalmente a capoeira era ensinada nas ruas, por meio da observação dos interessados em aprender a arte-luta brasileira, como se dava nas escolas de ofício. Contudo, como aquela ocorria nas ruas e não era oficializada como uma prática legal, comumente ocorriam confrontos entre uma malta e outra. Confrontos estes que colocavam a capoeira como uma prática marginal [17].

No entanto, passados quatro séculos (XVII, XVIII, XIX e XX) de práticas corporais relacionadas a capoeira, pode-se colocar que ela passou do “sistema familiar”, para o “sistema de corporações”, pois quando começou a se constituir em maltas, tanto a cidade de Salvador como a cidade de Rio de Janeiro (BRITO, 2006), já possuíam quase que dez vezes mais os índices estabelecidos por Saviani (1998), para a proliferação do “sistema de corporações”. Contudo por não ser, ainda, legalizada no começo do século XX não sofreu influências do processo de industrialização, entre os anos de 1930 a 1956, configurando sua permanência no sistema de corporações, no qual parece permanecer até os dias de hoje apesar da tendência da esportivização (no que se denomina chamar de capoeira contemporânea).

Entretanto, é no século XX, Governo Vargas, que a capoeira sai da marginalidade com mestre Bimba (1900 – 1974) em 1937, suscitando ao mesmo tempo o conjunto dos mestres de capoeira mais adeptos de sua tradição, raízes, criando-se a capoeira angola no ano de 1941 com o mestre Pastinha. O interessante é que ambos os progenitores, cada qual em momentos diferentes, criam também espaços sociais formais, para a sua prática. O mestre Bimba inaugurou em 1937 o “Centro de Cultura Física Regional”, enquanto que mestre Pastinha e mestre Amorzinho a “Escola de Capoeira Angola”, em 1941, ambas na cidade de Salvador – Bahia (VIEIRA, 1998).

Os estilos de capoeira formados por mestre Bimba e mestre Pastinha são difundidos até os dias de hoje nos grupos de capoeira⁵ em funcionamento na atualidade. Cada grupo segue o estilo de um destes mestres ou buscam mesclar os dois estilos, sendo que cada grupo possui um mestre a frente que tem a liberdade para definir dias de treino, a maneira pela qual se dará a graduação do aprendiz, quanto tempo levará este

⁵ Maneira como as escolas de capoeira são chamadas atualmente.

aprendizado, entre outras coisas, como nas grandes corporações de ofício do século XIV.

A capoeira como escola de ofício

Assim como nas escolas de ofício do século XIV, a capoeira instituída por mestre Bimba se tornou um modelo para todos os grupos de capoeira regional, até os dias de hoje, constituída por regras rígidas e hábitos de vida: o estabelecimento de aulas e rodas em dias e horários definidos; livros de matrícula; turma de alunos, apostilas, lições e avaliações; controle de mensalidade.

Nos grupos de capoeira do século XXI, no Brasil, o mestre (fundador de um grupo de capoeira) tem total liberdade para estipular as regras a serem seguidas em sua academia. Regras que dizem respeito aos horários de treino, formas de graduação do aprendiz e cor dos cordões que caracterizarão o grau⁶ em que se encontra o praticante. Este fato nos remete a [Rugiu](#) (1998) quando o autor afirma que nas escolas de ofício, os conteúdos e os métodos de ensino e o tempo de duração do curso variavam de situação para situação, assim como na capoeira.

O monitor Pedro [14] do grupo Capoeira Santista – Mestre Ribas apresenta um quadro comparativo que confirma essa liberdade dos mestres em cada um dos grupos de capoeira, conforme o que se segue:

a diferença dos uniformes de um grupo para outro. Alguns usam calça de helanca, outros calça de pano e, até mesmo, calça de prega. Finalmente, vou além da vestimenta, para vermos também os sistemas de graduação e o significado deles para cada grupo. [...] O Abadá-Capoeira tem como referência elementos da natureza, as cores predominantes em cada corda possuem atribuições simbólicas distintas. [...] Existem também grupos de capoeira que não adotam tantas graduações, como o Grupo Capoeira Angola-Pelourinho (GCAP – Mestre Moraes). Lá, o capoeirista ou é aluno, ou contramestre ou mestre. [...] O Grupo Capoeira Santista também tem um sistema de graduação que foi inspirado pela Confederação Brasileira de Capoeira, seguindo assim as cores da bandeira brasileira.

Iniciante – alunos sem cordão (1^a) e cordão verde (2^a).

Intermediário – cordão amarelo (3^a) e cordão azul (4^a).

Graduado – cordão verde-amarelo (5^a) e verde-azul (6^a).

Estagiário – cordão amarelo-azul (8^a).

Formado – cordão verde-amarelo-azul (9^a).

Monitor – cordão verde-branco (10^a).

Professor – cordão amarelo-branco (11^a).

Contramestre – cordão azul-branco (12^a).

Mestre – cordão branco (13^a).

Existe também a graduação infantil (com menos de 12 anos) que segue a mesma seqüência citada acima porém com tonalidade mais clara e é estipulada da seguinte forma:

Verde-claro - 06 anos de idade; amarelo-claro - 07 anos de idade; azul-claro - 08 anos de idade, assim por diante até amarelo e azul-claros com 11 anos de idade. Essas graduações são entregues como incentivo nos eventos. A partir dos 12 anos de idade, o aluno interessado em se graduar é submetido à exame para conquistar sua graduação.

A respeito do quadro apresentado, exceto pela graduação infantil que vai dos seis aos doze anos, todos os praticantes ingressantes são ensinados e treinam juntos independentes da graduação e da idade. Por exemplo, um aluno de dezesseis anos que se encontre graduado no cordão azul, poderá treinar juntamente com um aluno de vinte e cinco anos que esteja sem cordão, o que ressalta, mais uma vez, características como a da escola de ofício em que os aprendizes variavam em idade e níveis de graduação, mas não possuem classes definidas.

Outro aspecto da capoeira que a caracteriza como uma escola de ofício é a forma pela qual ela é ensinada. De acordo com as palavras deixadas pelo mestre Pastinha, fundador da capoeira angola, acerca de como aprendeu na capoeira assinalar-se-a que o mesmo foi realizado de maneira lenta e por meio de segredos que devem ser muito bem guardados:

note bem, amigo... a capoeira está dividida em treze partes, a primeira é a comum, é esta que vê ao público, a segunda e a terceira, é reservada no eu de quem aprendeu, e é reservada com segredo, e depende de tempo para aprender. ... [18]

A respeito da maneira como se dá o aprendizado dentro da capoeira nota-se a estreita relação patriarcal estabelecida entre mestre e aprendiz, como no caso da relação entre o aluno Andrézinho e seu mestre Eddy Murphy, descrito

⁶ Apesar de existir a Confederação Brasileira de Capoeira onde consta um sistema oficial de graduação. Os grupos não são obrigados a utilizá-las podendo basear-se ou não naquele para montar seu sistema de graduação.

por [Chediack](#) (1999), na “Revista Capoeira: arte e luta brasileira”, em que Andrézinho ao se apaixonar pela capoeira e não tendo mais como freqüentar o grupo, devido ao fato de sua mãe ter se mudado para longe, foi morar na casa do mestre de onde só saiu para se casar.

Um capoeirista aprendiz que queira se candidatar ao posto de mestre de capoeira não, necessariamente, deve possuir um poder aquisitivo alto, como nas escolas de ofício do passado, mas tem que estar disposto a pagar um alto preço por tal candidatura. Deve ser atuante no grupo e treinar exaustivas horas por dia. Conforme for se graduando deve acompanhar o mestre em suas principais viagens, tornando-se seguidor de seu mestre, para, assim, aprender alguns outros segredos do ofício que só quem aspira em alcançar tal grau deve conhecer. Após tornar-se mestre de capoeira o “ex-capoeirista aprendiz” poderá abrir uma filial de seu mestre ou então dar início a um novo grupo.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo aprofundar os conhecimentos acerca da origem da capoeira, bem como das escolas de ofício, buscando estruturar um trabalho de perspectiva histórico-bibliográfico que permitisse elucidar a relação da capoeira com a escola de ofício, desde a origem até os dias atuais.

A investigação bibliográfica, descritiva, permitiu uma compreensão mais ampla de escassez de material, mas ao mesmo tempo nos deu informações acerca da origem da capoeira que prática no tempo presente, assim como das corporações e escolas de ofício, imprescindíveis para este estudo, fornecendo dados que contribuíram para que os objetivos do trabalho fossem alcançados.

A capoeira em sua origem foi praticada por escravos na ilegalidade. Não era considerada um ofício (ao contrário era proibida), mas “sistema de subsistência”, sendo transmitida de geração a geração oralmente. Entretanto, embora tenha aumentado o número de praticantes, respeitado o número de habitantes (de um local ou do país como um todo) com o decorrer dos séculos, continuou ocupando um papel marginal na sociedade.

Desta forma, a capoeira só obteve a sua regulamentação no século XX, adotando o “sistema de corporações” e permanecendo nele até os dias de hoje. Os rumos que a própria capoeira trilhou, e de certa forma traçou para si, a

tornam uma escola de ofício (às vezes mesmo sem perceber), como na relação metre-aprendiz que perdura até o momento.

Podemos concluir que a capoeira como corporação e escola de ofício são realidades devido a sua estruturação e funcionamento, presentes no mundo contemporâneo. Cabendo novos estudos que possam ampliar o enfoque desenvolvido no âmbito desse estudo.

Referências

BARATA, J. N. **Educação Profissional: saberes do ócio ou saberes do trabalho**. São Paulo: SENAC, 2004.

BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, maio/ago. 2006.

CHEDIAK, A. João Grande: a técnica e a mandinga da Angola. **Revista Capoeira: arte e luta brasileira**, São Paulo, ano 1, n. 3, p.08 - 11, set/out. 1998.

CHEDIAK, A. O menino é bom, bate palma pra ele. **Revista Capoeira: arte e luta brasileira**, São Paulo, ano 2, n. 05, p. 14 – 17, 1999.

SOUSA NETO, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 249 – 259, maio/ago. 2005.

RUGIU, A. S. **A Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, D. Introdução a Edição Brasileira. In.: RUGIU, A. S. A. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção Memória da Educação).

VENUTO, A. A Astrologia como Campo Profissional em Formação. **Dados: Revista Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 42, n.4, p.761-801, 1999.

VIEIRA, L. R. De prática marginal à arte marcial brasileira. **Revista Capoeira: arte e luta brasileira**, São Paulo, ano 1, n. 3, p.42 - 43, set/out. 1998.

Notas:

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Departamento de Educação Física e Motricidade Humana. Projeto de Extensão: Vivências em Capoeira. **Origens da Capoeira**. Disponível em: <http://www.ufscar.br/portugues/centros/ccbs/defmh/capoeira/origens.html>, acesso em 06/01/2008.

⁷ Trecho transcrito na íntegra de acordo com a fala do mestre, incluindo possíveis erros de português.

[2] COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL. Estado de Minas Gerais. **N'Golo – Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais**. Disponível em: http://www.cpsp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_ngolo.html, acesso em 06/01/2008.

[3] CAPOEIRA SANTISTA – MESTRE RIBAS. O estilo santista de jogar capoeira! Mestre Ribas. **Origem da capoeira**. Disponível em: <http://www.capoeirasantista.com.br/>, acesso em 06/01/2008.

[4] CAPOEIRA SANTISTA – MESTRE RIBAS. O estilo santista de jogar capoeira! Monitor Pedro. **Algumas das possíveis raízes africanas da capoeira**. Disponível em: http://www.capoeirasantista.com.br/raizes_africanas_pedro.ht, acesso em 06/01/2008.

[5] SUA PESQUISA.COM. **História da Capoeira**. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm, acesso em 06/01/2008.

[6] TERRA. Esportes. Grupo cativoiro. **Origem da capoeira**. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/esporte/grupocativoiro/origem.htm>, acesso em 06/01/2008.

[7] WIKIPÉDIA. **Quilombos**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos>, acesso em 06/01/2008. WIKIPÉDIA. **Quilombo dos Palmares**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo_dos_Palmares, acesso em 06/01/2008.

[8] REVISTA CAPOEIRA: ARTE E LUTA BRASILEIRA. História. **Zumbi dos Palmares**. Disponível em: <http://www.revistacapoeira.com.br/site/index.php?m=historia&id=142>, acesso em 06/01/2008.

[9] WIKIPEDIA. **Lei Áurea**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_%C3%81urea, acesso em 07/01/2008.

[10] WIKIPEDIA. **Malta**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_\(Capoeira\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_(Capoeira)), acesso em 07/01/2008.

[11] BRASIL CAPOEIRA. História. **Mestre Bimba**. Disponível em: http://www.brasilcapoeira.ch/sites/historia_bimba.htm, acesso em 07/01/2008.

[12] BRASIL CAPOEIRA. História. **Mestre Bimba**. Disponível em: http://www.brasilcapoeira.ch/sites/historia_bimba.htm, acesso em 07/01/2008.

[13] REVISTA CAPOEIRA: ARTE E LUTA BRASILEIRA. História. Adriano Chediak. **Pastinha, capoeirista e poeta popular**. Disponível em:

<http://www.revistacapoeira.com.br/site/index.php?m=historia&id=123>, acesso em 06/01/2008.

[14] CAPOEIRA SANTISTA – MESTRE RIBAS. O estilo santista de jogar capoeira! Monitor André. **Graduações – diferenças e semelhanças**. Disponível em: http://www.capoeirasantista.com.br/graduacoes_andre.htm, acesso em 15/01/2008.

[15] CAPOEIRA SANTISTA – MESTRE RIBAS. O estilo santista de jogar capoeira! Mestre Ribas. **Origem da capoeira**. Disponível em: <http://www.capoeirasantista.com.br/>, acesso em 15/01/2008.

[16] WIKIPÉDIA. **Quilombos**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos> acesso em 15/01/2008. WIKIPÉDIA. **Quilombo dos Palmares**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo_dos_Palmares, acesso em 15/01/2008.

[17] WIKIPEDIA. **Malta**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_\(Capoeira\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_(Capoeira)), acesso em 15/01/2008.

[18] ECOLE DE CAPOEIRA ANGOLA DE PARIS FRANCE. Toutes Les Brèves. **Mestre Pastinha (sobre sua formação como capoeirista)**. Disponível em: http://www.angola-ecap.org/spip.php?article98&id_rubrique=2, acesso em 16/01/2008.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado na UNESP/Bauru de 20 a 23 de novembro de 2008.

Endereço:

Mellissa Fernanda Gomes da Silva
Rua 3B, 355
Rio Claro SP Brasil
13506-809
Telefone: (19) 91797203
e-mail: mellissa_fernanda@yahoo.com.br

Recebido em: 30 de setembro de 2008.

Aceito em: 1 de novembro de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)